

“Catálogo dos preços do amor” ou Renée Dunan, uma libertária

Nícia Adan Bonatti

À memória de Marc Goldstein que, sem
avisar ninguém, resolveu sair deste mundo em
20 de fevereiro de 2009, deixando
incontornáveis saudades.

Num surpreendente texto, aparentemente publicado em 1915, uma certa *Mademoiselle Marcelle La Pompe* oferece uma minuciosa tabela de preços que contempla prestações amorosas variadas. Tido por muitos como uma farsa, uma lenda urbana, o tarifário circula há muito pela internet, trazendo a surpresa e o riso provocado pelo inusitado do documento, até finalmente ter seu mistério desvendado¹.

Sua produtiva autora – cerca de cinquenta textos publicados² –, Renée Dunan, pacifista, feminista e libertária de primeira hora, provocadora em variados campos da literatura, fez do desafio intelectual sua bandeira desde sempre hasteada. Lançando mão de pseudônimos, publicou temas variados sob *personas* díspares, como por exem-

¹ Vide, por exemplo, Jacques Attali, *Amours: Histoires des relations entre les hommes et les femmes*, Paris: Fayard, 2007.

² www.kailasheditions.com/liste.php?table=auteurs&ID=31 e outros. (Obs.: todas as consultas a sites citadas no presente trabalho foram efetuadas em fevereiro/março de 2008).

plo Monsieur de Steinthal (talvez construído a partir de Stendhal e de Casanova de Seingalt), Chiquita, Ethel Mac Singh, Luce Borromée, Laure Héron, Renée Camera, Marcelle La Pompe, Spaddy, Louise Dormienne, A. de Sainte-Henriette, Ky, Ky C. (provavelmente uma brincadeira com a homofonia de *Qui sait* ou *Qui c’est*), e até mesmo como sendo alguém da própria família, Georges Dunan. Além disso, teve parcerias com autores célebres, prefaciando *Les Stupra*, de Arthur Rimbaud (1925), sob o título *Mouvements de Rimbaud* e com a assinatura de Marcelle La Pompe.³

Apagando seus rastros pessoais, lançando dúvidas até mesmo sobre a data e o local de sua morte, Renée Dunan nos lega neste documento um testemunho das expressões linguageiras que poderiam ser tidas como “cruas”, sobretudo na época em que seu texto foi publicado, mas que nos dão mostras de um determinado léxico presente em todas as línguas e que, apesar disso, são amiúde calados nas abordagens lingüísticas canônicas.

Renée Dunan

A autora nasceu em Avignon em 1892 e morreu provavelmente na mesma cidade em 1936, embora haja controvérsias a respeito (por exemplo, Georges Dunan morreu em dezembro de 1944, em Nice).⁴ Escreveu romances, textos eróticos, policiais, esotéricos, ficção científica, poemas, história e outros gêneros, numa mostra de efervescência intelectual intensa e de defesa arraigada de suas bandeiras, entre as quais a feminista provocadora, e a dadaísta – que

³ Como pode ser visto em *Les Livres de l’Enfer, du XVI siècle à nos jours*, de Pascal Pia, Paris: Fayard, 1978, que em 840 páginas congrega dois mil livros eróticos “extirpados das profundezas da Bibliothèque Nationale” onde, nas palavras de Eric Dussert, da revista literária *Le Matricule des Anges* (nº 026, maio/junho de 1999), “sua natureza sulfurosa os tinha feito esconder”. A edição atual, elaborada por Patrick Fréchet, amplia as informações, tratando também das referências físicas das obras, da história de sua publicação e dos processos de que foram objeto.

⁴ Claudine Brécourt-Villars, *Renée Dunan ou la femme démystifiée. Histoires littéraires* nº 2, avril-mai-juin 2000, Paris.

questiona todos os valores, convenções, restrições ideológicas, artísticas e políticas até então em vigência, essas “velharias do passado”, como eram consideradas pelos fundadores desse movimento.

Buscando a maior liberdade possível para que não se tolhesse a criatividade, os dadaístas fixaram-se de forma especial na linguagem, que desejavam vigorosa e heteróclita, de onde talvez a transgressão deliberada do vocabulário aceitável e dos cânones morais da época. Nesse cenário, Renée privou com André Breton, Louis Aragon, Paul Éluard e outros, que certamente operaram efeitos sobre essa autora ímpar – filha de um industrial, criada em convento e admiradora do Marquês de Sade –, que sacudiu a sociedade parisiense ao publicar a vertente sensual, erótica e pornográfica de sua produção. Jornalista e crítica literária, ela escrevia para revistas engajadas, sobretudo no período entre guerras. Na revista *Disque Vert*, por exemplo, escrevia na companhia de Antonin Artaud, Henri Michaud, Max Jacob, Albert Cohen e outros.

Talentosa, vigorosa, combativa e atuante, Renée Dunan é mais bem definida por sua própria citação: *Il faut oser dire n'importe quoi! La morale est ailleurs que là où on l'imagine*. O que significa: “É preciso ousar dizer tudo! A moral está em outro lugar e não onde se a imagina”. É portanto um texto dessa camaleoa da literatura que me propus traduzir, com todos as angústias, percalços e ilusões que a atividade impõe, como passo a expor.

A experiência da tradução

Vários são os problemas que se apresentaram no processo da tradução. Um deles concerne o vocabulário amoroso e transgressor observado nos dois idiomas. *O que se diz* na intimidade? O que se diz na intimidade *em francês*? Como sabê-lo a partir de nossa cultura que, apesar de ser tida como menos rígida, mais temperada pelos calores dos trópicos, diz a sensualidade de uma forma diferente? Como conhecer esse léxico sendo uma mulher brasileira? Onde procurar as definições desses vocábulos banidos dos estudos formais?

Como afastar a simples intuição que se tem sobre os significados e procurar suas motivações semânticas e culturais, tendo em vista uma análise teórica? Onde fazê-lo?

Os percalços começaram nos dicionários. O ranço da censura que durante tanto tempo cerceou nossa expressão se reflete na compilação dos verbetes. No *Michaelis*, por exemplo, o conjunto das acepções de “pau” é imensa, cobrindo uma variedade extensa de madeiras, além de locuções em que o termo comparece, mesmo que de remoto uso, tal como “*Dar por paus e por pedras*: praticar desatinos, delirar.” No entanto, no sentido que nenhum garotinho brasileiro ignoraria, só há a menção anódina a “pênis”. O mesmo ocorre no *Houaiss*, onde a despeito do fato de serem encontradas as definições de termos vulgares, como por exemplo “pau” e “caralho”, a explicação repete-se: “pênis”, termo absolutamente inadequado para uso em situações eróticas e/ou pornográficas. Sob a classificação *tabuísmo* – “palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos” –, os sinônimos são ignorados, embora sejam reconhecíveis para significativa parcela dos brasileiros, quando se deparam com um deles. A fonte menos puritana é representada pela página do Dicionário Informal⁵.

A surpresa maior vem quando, no decorrer da tradução, digito os tais tabuísmos: o programa *Word for Windows* que utilizo não os aceita. Ora, outras palavras, que não fazem parte de seu arquivo compilado, também não são aceitas, mas quando aciono o recurso *ferramentas – ortografia e gramática*, há a possibilidade de usar o recurso *ignorar todas*, ou ainda é factível adicioná-las ao dicionário interno. Contudo, quando escolho a primeira opção, o programa se recusa a ignorá-las. O pior vem em seguida, quando tento incorporá-las: o programa trava e não permite dar continuidade à correção automática do texto, o que certamente configura uma tentativa de censura, além de corroborar o banimento da linguagem chula, numa assepsia daquilo que pode ser escrito.

⁵ <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php> .

O recurso aos mecanismos de busca na internet, tão comezinho nos dias atuais, também não resolve os problemas: a cada vez que busco uma ocorrência de algumas expressões ou verbetes não dicionarizados e lanço mão do Google, invariavelmente surge uma página que contém o arquivo escaneado do original ou então uma referência a ele, o que não só dá mostras de quão instigante é o texto do *Catálogo*, mas também restringe a possibilidade de encontrar outros contextos que possam indicar o significado daquilo que procuro.

Todavia, o problema que me concerne quanto ao repertório pornográfico permanece, o que dá ensejo a um recurso que desde sempre permeia minha prática tradutória: *a consultoria*. Pergunto, então, a quem de direito: um homem francês. Nada melhor que um nativo do idioma – provido de espírito crítico e atento aos problemas lingüísticos impostos pelo tempo e pela necessidade de recriação em outra língua – para apontar os possíveis significados da terminologia erótica usada em seu país. Pergunto, assim, para Marc Goldstein,⁶ que certamente tem sensibilidade quanto ao registro que os termos adquirem em sua cultura – se familiar, se gíria, se jocosa, se calão. As respostas não tardam, mas nem sempre resolvem a tarefa a que me propus. Num primeiro momento ele deve traduzir para si mesmo as várias possibilidades de sentido – não esqueçamos o fato de que o texto é de 1915 –, avaliar em que medida as sonoridades estão em jogo, examinar possíveis sentidos por trás daqueles mais evidentes, sopesar o meio cultural em que foi originalmente escrito, conjecturar sobre a extensão da jocosidade presente, etc., e em seguida propor alguma explicação para a amiga brasileira. A fonte é confiável – ele é autor do *Bréviaire de l'Orthographe Française*⁷ – e não é nossa primeira parceria em tradução.⁸

⁶ A quem de público agradeço as sugestões oferecidas, sem as quais eu não poderia ter efetuado adequadamente esta tradução.

⁷ <http://mapage.noos.fr/marcpage/bof.htm>

⁸ Vide, por exemplo, “Como traduzir bem de uma língua para outra”, de Étienne Dollet, edição bilíngüe, in *Clássicos da Teoria da Tradução*, com organização de Mauri Furlan, Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

Assim, fico sabendo que:

- *Gougloutage du poireau* está na categoria de gíria e, na avaliação de Marc, “*glouglouter* (que retifica assim a ortografia) *le poireau*” é mais divertido para ler, solicita mais a imaginação, é mais metafórico (ainda) que a simples *pipe*, literalmente “cachimbo”, que o *Petit Robert* explica como sendo o sentido vulgar de felação. Com a nova grafia proposta, encontro o termo dicionarizado, ainda no *Petit Robert*, como sendo o ruído produzido por um líquido que corre num tubo e também como aquele produzido por um peru, entendido aqui como ave. Penso que o campo semântico cobre ambos os aspectos que estão em jogo na descrição do ato sexual especificado no Catálogo e resolvo guardar o aspecto lúdico do termo: *gluglutagem*. Mas... *gluglutagem* do quê? *Poireau* é o *Allium ampeloprasum*, popularmente conhecido como alho-porró, cujo formato apresenta, inda que remotamente, uma analogia com o falo, mas em nossa cultura o termo nada diria, portanto, a tradução seria inócua. Sem sair do reino vegetal, opto pela banana, que dá o formato e a interpretação imediata desejáveis. Encontro, assim, a *gluglutagem da banana*.
- *Voyage en terre jaune* é, numa vertente poética, o sexo anal (*enculage*), em referência aos excrementos.
- *Boyau* – termo que sozinho significa: 1) tripa; 2) passagem estreita que põe em comunicação seções mais importantes, conduíte; 3) pneu de bicicleta de corrida – adjetivado por *chahuteur*, “aquele que promove agitação barulhenta” –, jamais me faria pensar em seu equivalente na terra de Astérix: *la verge*. Evidentemente, eu não poderia trazê-lo ao texto como “pênis”. Como a autora do texto escolheu uma linguagem com um viés jocoso, busquei um termo em português que, na minha interpretação, pudesse ser aplicado à situação e escolhi “charuto”. Além do formato deste objeto invocar a similaridade fálica, permanece no inconsciente coletivo a quebra da intimidade de um famoso presidente causada por um deles, o que torna a compreensão evidente.

- *Barbitras*, por sua vez, coloca um problema de interpretação até mesmo para o nativo. Algumas fontes⁹ indicam seu sentido de “carta”, “escrito”, nos dialetos *berrichon* e *bourbonnais*, mas esta acepção nada traria como informação para o contexto que nos ocupa, o que faz meu informante procurá-lo num jogo de palavras composto por: *bar*, por causa da sede, *bit* como uma possível grafia de *bite*, que significa “pau”, mais *ras*, por que a palavra *barbitras* existe efetivamente nos dialetos. Em sua leitura, a palavra tem um tom cômico e libertino, uma vivacidade socialmente pouco delicada, mas sem violência. Aqui, então, dois problemas são colocados: em primeiro lugar, como recriar o verbete em português? Em segundo, o que fazer com o resto da expressão, *que lorsqu’il ne verse de plus de pleurs*, ou seja, literalmente, “quando ele não versa mais nenhum choro” ou “nenhuma lágrima”? Depois de tantas idas e vindas de consulta internáutica com a fonte nativa, tantas investigações em *sites* variados, preciso abandonar o termo, pois ele não encontra eco em nossa língua; além disso, não quero abrir mão da expressão poética que existe em francês. O que chora, mas sem despertar tristeza ou dor, impensáveis nesse contexto do Catálogo? Na minha interpretação, um bebê. É assim que opto por escrever “só largo o bebê quando ele não está mais chorando”. Por estranho que possa parecer à primeira vista colocar um bebê no meio da história, creio que a imagem possa suscitar uma sensação de ternura, de cuidado, de carinho, que me parecem estar no texto de partida, em que a possível crueza do ato encontra sua atenuação numa linguagem afetuosa, que mostra um cuidado a mais com *Monsieur*.
- Em 69, *ou tête bègue sur le dos*, um novo problema se avizinhava: para o 69, não era nem preciso mudar a numeração, cujo conhecimento compartilhado ultrapassa fronteiras. Mas em seguida havia o *tête bègue*, cuja tradução eu não encontrava – e era algo que

⁹ http://www.berry-passion.com/expressions%20berrichon_patoisant.htm e <http://projetbabel.org/diou/b.htm>

acontecía “de costas” ou “sobre as costas” (*sur le dos*). De costas? Queria essa numeração dizer exatamente o mesmo que no Brasil? Bem, *tête* é “cabeça, face” e *bègue* é “aquele que gagueja”, então eu não conseguia inferir desse conjunto algo inteligível para suprir o sentido exposto em francês, o que fez a indagação permanecer. Numa consulta à internet, foi possível encontrar uma explicação na indústria têxtil,¹⁰ mas referia-se à maneira de dobrar o tecido, em forma de sanfona. O mistério permanecia, assim como o vazio no lugar da página em que eu deveria digitar a expressão, experiência angustiante e constitutiva da profissão de tradutor(a). Consultado mais uma vez, meu Delfos internáutico vem prestar socorro: no lugar da expressão citada, Marc lê *tête-bèche*, o que vem lançar uma luz no fim do túnel. Trata-se efetivamente de um 69 – entendido sem fronteiras – no qual, ao invés do casal ficar disposto deitado na posição que o desenho do número indica, um ao lado do outro, um deles encontra-se deitado de costas, enquanto o outro se coloca por cima do parceiro(a).

- *Le même, avec de la terre à poêle* pode ser lido de (pelo menos) duas formas: ao pé da letra, seria “o mesmo, com a terra [barro] de fazer frigideira”. Contudo, se ligarmos *terre à poêle* com o sabão, podemos pensar numa substância de limpeza com alguma propriedade particular, interpretação confirmada pelo informante: *savon pour récurer les poêles* é, efetivamente, um sabão abrasivo, que compreende aqui um atrito, considerado como um ganho suplementar nas sensações trazidas. Considero escrever *sapólio* e – pasme! – esta palavra não existe no *Houaiss*, embora o produto pulule em ofertas pela internet e nos supermercados. Ainda assim, este referente me parece ter atrito demais, então atenuo para “sabão de pedra”: não configura exatamente a arranhadura, mas conserva a característica untuosa do sabonete.
- *Pisette sur la quequette* – Num primeiro momento, o Google (quando solicitado por “imagens”) aponta para um artefato que per-

¹⁰ <http://druccourt.free.fr/pages/Rubagerie%20Lieuvin.htm>

mite ao mergulhador urinar sem que a água entre por sua roupa de neoprene; por sua vez, Wikipédia informa que se trata de um frasco de polietileno usado em laboratório, algo semelhante a uma pipeta, sem contudo sê-lo exatamente – um alerta vem ao final do verbete: “*son étymologie, par ailleurs évidente, est suggérée par le son produit lors de l’expulsion du fluide*” (“sua etimologia, aliás evidente, é sugerida pelo som produzido quando o fluido é expulso”). Fico tentada a associar o termo com o verbo *pisser*, “urinar”, opção confirmada posteriormente por Marc. Este verbo, que poderia ser trazido para a linguagem menos rebuscada como “mijar”, é termo dicionarizado; o verbete *quéquette* refere-se ao pênis de um menininho, equivalendo em francês a *zizi*, que em português vem a ser “pintinho” ou “pipi”, na linguagem infantil. Entretanto, não me parecia que *Mademoiselle Marcelle La Pompe* achasse pertinente desdenhar dos atributos de um cliente em potencial, ferindo suscetibilidades e pecando contra o marketing, o que me fez procurar um termo que repetisse um certo universo afetivo infantil, sem referir-se explicitamente ao tamanho, mas que transmitisse um viés de carinho. Na falta de sinônimos melhores, optei por “bilau”. E assim temos no Catálogo a “mijadinha no bilau”. No decorrer da explicação, sinto-me obrigada a mais uma interferência: para o francês *il arrête le jet à sa volonté*, “ele para o jato à sua vontade”, pareceu-me necessário explicitar de que jato se trata, e assim os colchetes [de xixi] retiram, a meu ver, possíveis ambigüidades. Ainda nesta explicação, outro obstáculo intransponível: não consigo ler sob a fita adesiva que faz um reparo canhestro no original escaneado. Mais uma vez, recorro ao Marc, e a explicação não tarda: *quelques canettes de bière (pour qu’elle ait envie de faire pipi)*, “algumas garrafas de cerveja (para que ela tenha vontade de fazer xixi)”.

- *Minette bout à bout* coloca outros tantos percalços. Em primeiro lugar, o termo *minette*, para minha surpresa, é dicionarizado pelo *Houaiss* (com a grafia “minete”), inda que prosaicamente, como “cunilíngua”, o “ato de buscar e dar prazer sexual com a boca e a

língua na vulva da mulher”, admitindo mesmo o termo “mineiteiro”, aquele que pratica o minete. A etimologia é francesa e refere-se a *minette*, ‘gatinho ou gatinha’, diminutivo de *mine*, que é a designação onomatopaica popular e afetiva do gato em galoromânico, e que fornece a gíria *chatte* para designar a genitália feminina. Temos então aqui um *Monsieur* que pratica sexo oral na *Mademoiselle* Marcelle, enquanto a empregada se esforça na pétala de rosa, isto é, na “ventosa no cu” (porque “ventosa no ânus” pareceu-me uma linguagem médica demais). E estou outra vez às voltas com este termo cru, que já havia trazido dúvidas no primeiro segmento do Catálogo (com o “dedinho no cu, a mais”) – e que também é censurado pelo Word. Quanto ao significado, não há dúvidas, mas como proceder, se no decorrer do texto *Mademoiselle* foi tão complacente com a terminologia? Várias hipóteses me ocorrem:

a) O peso da conotação em francês é diferente. Uma rápida verificação no google em francês mostra que a expressão também se aplica a manobras com motocicletas (do gênero globo da morte), assim como a um jogo de cartas de origem chinesa; há também um vídeo de adolescentes cantando irreverentemente uma canção em que o refrão é *le trou du cul poilu*. Por outro lado, o dicionário *Trésor de la Langue Française informatisé* (<http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>), sempre rico em exemplos, indica para o verbete *cul*, em seu sentido I. A., que se trata de uma “linguagem familiar ou trivial para designar uma parte do corpo humano” – e especifica: Parte do corpo que compreende *les fesses et le fondement**, isto é, as nádegas e o fundamento. Fundamento? Eis um novo eufemismo que, pesquisado no *Trésor*, mostra ser também do universo familiar: *le siège, la région fessière*, ou seja, novamente as nádegas. Uma busca no *Petit Robert* esclarece que o termo tem origem no século XII, é mesmo familiar, significa “reto, ânus”, e aparece validado por ninguém menos que Céline: “*Elle en éprouvait un mal affreux au*

fondement". Vejo no *Houaiss* que, em Portugal, "cu" compreende "o conjunto das nádegas e do ânus", diferentemente do que indica para nós, brasileiros (e que me faz então atinar com certas expressões ditas por amigos portugueses que dantes me haviam provocado o riso e certo constrangimento social). Contudo, embora usado à exaustão por parte considerável da população brasileira, eu não poderia afirmar que para nós o peso da palavra é culturalmente o mesmo.

b) A classificação fornecida pelo *Houaiss* confirma o que vem de ser dito: tabuísmo. Mas estamos falando de serviços de prostituta... Como escolher?

c) Temor maior – sou eu quem opera uma profilaxia pudibunda e auto-censurante. Recuso-me então a atenuar a palavra e a "ventosa no cu", assim como o "dedinho no cu" do início do Catálogo permanecem. Afinal, que pornografia resistiria à expressão "dedinho no ânus"? Deixo o texto "decantrar", para ver se resiste a um exame, efetuado alguns dias mais tarde, para que eu possa voltar ao que escrevi, mas agora na condição de leitora. Não, não resiste: onde estão a suavidade e a inflexão fagueira do original? Rendo-me à diferença de recepção do termo nas duas línguas e continuo a buscar uma substituição, até deparar-me com "fiofó" – surpresa: o Word aceita que o dicionário interno incorpore o termo – que o mesmo *Houaiss* informa como sendo um regionalismo de uso informal. A palavra aponta para "a mesma coisa" (será?), mas atenua o termo tido como rude, permite a circulação no meio familiar sem gerar grandes protestos e suaviza os dizeres do Catálogo. Volto à tradução e retifico: "dedinho no fiofó".

Parecia que os problemas estavam resolvidos. O texto tinha corpo, as lacunas haviam sido preenchidas, um tom jocoso e permeado de afeto havia sido mantido, a comicidade do endereço de *Mademoiselle* estava implícita: Rua do Gato (referência ao sexo) – e, não por acaso – número 69. *Parecia...*

Mas como solucionar a contingência trazida pelo tempo? Como imaginar o que se dizia na linguagem erótica e/ou pornográfica do Brasil de 1915? Que fontes bibliográficas consultar? Para quem perguntar? Suponho que, embora a prostituição permeie a vida social há séculos, o léxico que a caracteriza se altera com o tempo, como um reflexo social, nos mesmos moldes evidenciados pela gíria. Sinto-me impotente diante dessa muralha e aceito, resignada, a implacabilidade trazida pelas décadas que se interpõem entre o momento da elaboração do Catálogo e este em que traduzo, circunstância constitutiva de todo aquele que se propõe a retornar a um texto do passado.¹¹ Fundo-me então na ilusão de que a empreitada foi efetivamente levada a cabo e dou por (provisoriamente) terminada minha tarefa de tradução.

Referências bibliográficas sobre Renée Dunan

Renée Dunan par Claudine Brécourt-Villars. Fascination : le musée secret de l'érotisme, n° 27, 2° trimestre de 1985, pp. 21-25.

Renée Dunan ou le femme démystifiée, histoires littéraires, n° 2, abril-maio-junho de 2000, pp. 51-56.

Livros disponíveis sob diversos pseudônimos:

Les caprices du sexe ou les audaces érotiques de Mademoiselle Louise de B. Louise Dormienne). Coleção Lectures amoureuses de Jean-Jacques Pauvert,) Paris: La Musardine, 2000. Uma edição especial da Collection l'Enfer, retirada da Bibliothèque Nationale de France, pode ser adquirida em forma de e-book em

¹¹ Vide, a esse respeito, uma reflexão aprofundada trazida por Thelma M. Nóbrega em sua belíssima dissertação de mestrado, *On the Road e Pé na Estrada: os caminhos do imaginário em tradução*, 1991, IEL-Unicamp.

<http://www.enfer.com/download/zoom.asp?ref=CUR0033> .

Colette ou les amusements de bon ton. Spaddy. Coleção Lectures amoureuses de Jean-Jacques Pauvert, n° 15) Paris: La Musardine, 2000. Obs.: *Moi, poupée* (n° 70) e *Dévergondages* (n° 30) figuram na mesma coleção, também sob nome de Spaddy. Ambas podem ser encontradas em e-book <http://www.enfer.com/booklist.asp> .

Kaschimir, jardin du bonheur, Renée Dunan. Coleção Les exotiques. Paris: Kailash, 1997.

Há inúmeras outras obras de Renée Dunan, esgotadas nas livrarias, mas que podem ser encontradas em livreiros de obras antigas e/ou em sites de livros na internet.

Outros textos na internet:

Le métal : histoire d'il y a vingt mille ans. Renée Dunan, ilustrado por Henry Chapront, Floréal, n° 41 a 43, novembro de 1920. www.trussel.com/prehist/lemetal.htm

Le nudisme revendication révolutionnaire ? Renée Dunan, L'En dehors, n° 148-149, dezembro de 1928. <http://ytak.club.fr/natdunan.html>

Punheta com um – somente com uma mão	33 vinténs
Com cosquinha nos bastidores	1,75
Dedinho no fiofó, a mais	» 50
Dedo médio	12 vinténs
Trepada de quatro com camisa	5,85
sem camisa	5,45
pelada	5,95
Na cama	6 »
Minete à noite	3 »
15 centavos a mais para a vela	
Trepada na cama, a primeira vez	4,50
As outras, a mais por cada vez	» 60
Após a meia-noite, a mais	» 10
Será feita uma concessão de Um franco se a lâmpada não for usada.	
Gluglutagem da banana com pressão da mão	3,50
Sem cair fora, tudo na boca	4 »
Peço que note, de passagem, que essa chupada não é cara, pois muitas mulheres não têm o coração suficientemente forte para suportar a chegada do esperma e caem fora no momento psicológico, o que estraga todo o prazer.	
Comigo não há o que temer, pois só largo o bebê quando ele não está mais chorando.	

PUNHETA COM MOSCA	
Uma vez nu, você pega uma mosca bem grande e tira suas asas; depois, na banheira, você deixa a cabeça do bilau fora da água, puxa a pele e em seguida coloca a mosca em cima.	
O pobre inseto fica girando, procurando um terreno firme, sempre com medo de afogar-se; ele não ousa ir para a água, de tal maneira que seu contínuo roçar leva ao escoamento do prazer, que causa sua morte.	
69, ou sexo oral de costas	3 »
Língua no fiofó, a mais (muito solicitado)	1 »
69, a mulher por cima do homem	1,75
Se a minete for bem feita, deixo o bom chupador dar uma olhadinha.	
Viagem em terra amarela [relação anal] com a empregada com o rapazinho	4,90 » 95
SABONETE IMPERIAL RUSSO	
Besuntar bem o charuto com sabonete, assim como os acessórios; friccionar com as duas mãos, o que leva a um gozo bem suave.	
Com sabonete de Marselha	3 »
do Congo	3,75
A mesma coisa, com sabão de pedra	» 45

MIJADINHA NO BILAU	
O homem fica sentado na cadeira, com as pernas bem esticadas; a mulher a cavalo sobre ele, com o orifício de sua xoxota bem perto do membro visitante; o homem mantém a mulher pelos lados do corpo com as duas mãos, na altura das coxas.	
Fazendo uma brusca pressão, ele pára o jato [de xixi] à vontade, até o momento em que, não agüentando mais, se lança no antro úmido de prazer.	
Preço	5,45
Tome a precaução de fazer com que antes a mulher beba algumas cervejas.	
Minete dupla, o homem entre as pernas da mulher	3,05
Pode-se pedir a ajuda da empregada para fazer pétala de rosa, ou dito de outra forma, ventosa no fiofó, o que é muito gostoso.	
Um Franco por cinco minutos	» 10
Punheta com a mão direita	» 10
Aquecimento a gás	» 05
CHUPADA DE MENTA	
Antes da gluglutagem da banana, faça a operadora chupar uma bola de menta. Dá uma deliciosa sensação de ardor.	

